

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC



Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

CADERNO DE
CENOGRAFIA DAS TURMAS
F1 E F2

20

JUNHO_JULHO2021



**Mostra FIC
de Processos e
Experimentos**

Programa Fundação das Artes FIC



OS CADERNOS
ACADÊMICOS
SÃO
PUBLICAÇÕES
QUE
REGISTRAM
PROCESSOS E
EXPERIMENTOS
CULTURAIS E
ARTÍSTICOS
ELABORADOS
NOS CURSOS
DO PROGRAMA
FUNDAÇÃO DAS
ARTES FIC.



Volume 20: Caderno de Cenografia das Turmas F1 e F2

CADERNOS DO PROGRAMA FUNDAÇÃO DAS ARTES FIC. Caderno de Cenografia das Turmas F1 e F2. São Caetano do Sul: FASCS. V. 20, jun./2021.

O acervo disponível para consulta neste volume, composto de obras desenvolvidas pelos estudantes dos cursos do Programa Fundação das Artes FIC, foi disponibilizado tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo desta publicação, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Esta é a versão acadêmica, lançada em junho de 2021. A Fundação das Artes poderá editar novamente e relançar o caderno como parte da produção artístico-acadêmica posteriormente.

Esta é mostra de finalização do curso livre de cenografia do Programa FIC/Pronatec da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Iniciamos o curso com uma pequena reflexão sobre o processo de aprendizagem de cenografia, para falar sobre isso fizemos uma analogia com a construção de uma pipa, e como ela muda de significados e escala ao ganhar o céu e o espaço. Nos propusemos a uma tarefa muito difícil conversar sobre cenografias em tempos de ausência. Ausência da presença, do toque, do encontro. Em compensação vivemos a ameaça constante à nossa integridade física. Tempos sombrios em que não pudemos velar nossos mortos, chorar juntos, nos calentar.



Durante meses nos juntamos duas vezes por semana para discutir, estudar o desenho da cena, para refletir sobre estes tempos e outros. Se há uma palavra que ajuda a definir este processo é perseverança. Nos encontramos sem nos conhecer na fisicalidade tão necessária e que nos dá tanta saudade, mas nestas janelas vivemos caleidoscópios de emoções. E com eles vislumbramos outros mundos, outras realidades. Iniciamos o ano pensando nos Levantes Possíveis, na permanência do sonho, e com isso descobrimos que cenografia é um campo mais vasto do que imaginávamos. A cenografia ganha a rua, ultrapassa os limites do espaço construído, e nos coloca no ponto de mudança em estado de fusão.

Agradeço a todos os alunos, alunas, e alunes que participaram, que certamente permanecerão em minha mente, em minha ação. Agradeço à Paula Venancio pela troca, generosidade e parceria.

Espero que logo possamos nos conhecer fisicamente, que possamos acompanhar os passos uns dos outros, que permaneçamos atentos às necessidades da nossa sociedade. Hoje apresentamos a cenografia como calidoscópio, este aparelhinho simples que pela ação do reflexo da luz exterior e movimentação cria diferentes efeitos. Nos possibilita esperar com outras possibilidades além da realidade.

Livia Loureiro

Vejo belas imagens. Caleidoscópicas. A luz que atravessa janelas virtuais, refletem simetrias únicas e coloridas. E, assim, nesta busca de construção de galáxias, na conversa entre universos paralelos construímos um curso todinho. Subvertendo a ordem do pensamento estruturado na presença e na materialidade, adentramos no processo virtual. Inventamos formas. Demos luz às cores.



Olho para o corredor de tempo imaginado ao qual damos o nome de passado e recorro ao estado do primeiro encontro. Num girar caleidoscópico retorno ao instante de agora e posso dizer: fizemos um curso lindo! Construímos mais que maquetes, mais de projetos, mais que histórias. Costuramos, como bordado fino, uma rede de afetividades espaciais. Vivemos meses a pesquisar o espaço (centro das atenções da cenografia) e subvertemos nossa própria lógica fazendo do espaço virtual uma possibilidade real.

O que posso dizer aos que estiveram conosco na caminhada é: fizemos um fervero lindo! Aprendemos um bocado. E agradeço a cada um pela possibilidade do encontro. Agradeço especialmente à Livia Loureiro, minha dupla de trabalho, com quem aprendi demais nos últimos meses; e aprendi sobre cenografia, sobre a vida, sobre maternidade, sobre espaços poéticos, sobre levantes e sobre silêncios.

Os trabalhos aqui apresentados são partes que não dão conta do processo, mas como um triângulo de vidro sob a luz, refletem pequenos fragmentos coloridos rearranjados aos olhos de quem decide curiosamente se propor a ver.

Paula Venancio

Cenografia do afeto – Um longa-metragem contando a história da minha família

Amanda Macedo Fernandes

Em tempos de saudades crônicas, ausências de abraços e afetados sem afetos reais, decido começar a buscar profunda por minhas origens: Quero realizar um longa-metragem documental sobre minha família, para eternizá-los diante da vida.

Os espaços cenográficos da minha memória afetiva, pairam sobre principalmente, a casa dos meus avós. Onde começo a encontrar minhas raízes, as histórias que perpassam outras gerações e que resgatam nossa identidade na ancestralidade. Documentar através de depoimentos, das históricas ímpares, - das vivências do ontem, do hoje e do sempre. Das gerações que vão partindo e chegando, do retorno a esse habitat nostálgico, mágico, inesquecível.

Como é estar no mesmo cenário, mas não ter mais aquela presença? Como é ter aquele cenário totalmente reformulado, do piso, telha, parede? Cenografias deterioradas pelo tempo, dos objetos cênicos da vida, como a tigela verde de pipoca, a bateadeira branca, a máquina de costura, o rato de pano, o relógio Cuco. O que dá sentido em sentir.

Revisitei fitas em VHS onde temos alguns aniversários na infância e algumas situações do cotidiano, e encontrei o vídeo de casamento de meus pais, em super 8. Mesclar passado e futuro em todos seus desdobramentos. Narrativas que tecem o rememorar.

Estou utilizando também o aplicativo “Remini” que transforma fotos em vídeos curtos, o que me pareceu bem interessante para conseguir ter material para a construção do filme – fora a emoção em ver ‘uma foto vívida’ da juventude dos avós ou mesmo ver a bisavó, que infelizmente não vim a conhecer, piscando, sorrindo. A memória deixa de ser estática e nos transmuta.

Há um levantamento também de documentação de imigração, que se refere à família de minha avó materna, vinda da Espanha. Agora inicio uma pesquisa sobre a família de meu avô materno, na Bahia. Há também um levantamento sobre minha família paterna em curso, onde há a junção Portugal e Brasil.

Meus pais andam auxiliando muito nesse mapeamento, já que através do site “My Heritage” foi possível construir nossa árvore genealógica, que já conta com quase 100 nomes e

informações. É estranho pensar 'onde esse fio se perde', porque o máximo que conseguimos chegar, foram nas identidades dos tataravôs. Quantas gerações precisam existir para outras serem apagadas? Até mesmo pela dificuldade em outros contextos históricos de se documentar essas existências.

Perceber se está no ambiente sonhado ou no ambiente vivido faz parte do jogo psicológico, que usa das artimanhas do espaço cenográfico para criar metáforas sobre o quanto somos influenciados pelos lugares que frequentamos. E como constantemente, mesmo que de forma inconsciente, reagimos a estes lugares e às suas características compositivas. Algumas obras visitadas:

- A excêntrica família de Antônia – filme
- Edifício Master – Documentário
- Capitão fantástico – filme
- Como nossos pais – filme
- Que mal fiz a Deus? – filme
- Três Teresas – série
- Viver duas vezes – filme



Amazônia Exuberante – Rio Encantado_ Sobre (re)criar cenários esquecidos

Anderson Mendonça

A proposta é criar uma cenografia dentro da Cidade da Criança que é considerado o primeiro parque temático do Brasil, inaugurado no final dos anos 60, na cidade de São Bernardo do Campo, região metropolitana de São Paulo. A Cidade da Criança foi e é um importante equipamento público que teve seu auge nos anos 70 e 80 atraindo milhares de turistas ao município. Consta que nesse período a Cidade da Criança atraiu um milhão de turistas por ano, um feito e tanto. O parque surge inicialmente como estúdio para a gravação da telenovela Redenção, da extinta emissora Tv Excelsior, nos anos 50. Na área do então parque foi criada a primeira cidade cinematográfica do país para filmar a telenovela. Dessa maneira, após as gravações da telenovela, foi criado o parque Cidade da Criança, aproveitando também o cenário da telenovela para compor uma de suas áreas temáticas.

Entre as áreas temáticas criadas dentro da Cidade da Criança, temos a Mini-Amazônia, área dedicada a floresta amazônica e que conta também com réplicas da cidade de Manaus, tal como o teatro Amazonas, a igreja Matriz, o porto de Manaus e edifícios da Zona Franca.

Inicialmente, o projeto de cenografia surge como resgate da memória e da importância histórica e cultural que esse parque tem; e que hoje encontra-se abandonado. A Cidade da Criança e suas áreas temáticas foram tombadas em 1990. Portanto, as construções replicadas da cidade de Manaus, tal como a área Mini-Amazônia são protegidas pelo tombamento.

Na área Mini-Amazônia temos um brinquedo, um equipamento que basicamente é um circuito: um rio cenográfico. Através do porto você embarca em um barquinho e o barquinho percorre esse rio e, nele, existem lendas, encantarias amazônicas, retrata o cotidiano dos povos originários e ribeirinhos. São bonecos, robôs, ou apenas figuras em fibra de vidro que representam indígenas, ribeirinhos, botos, a lara, entre outros.

A ideia é recriar o percurso desse rio e fazer uma imersão tanto do contexto das encantarias amazônicas, quanto com a mini Manaus estabelecida nessa área temática. O rio atual tem um percurso único, ou seja, o barquinho precisa ir e voltar todo o percurso praticamente para que o próximo barquinho faça o circuito. Isso impacta no tamanho da fila e na rotatividade do brinquedo. A ideia, além de ampliar e trazer uma maior imersão para o equipamento, é aumentar sua capacidade rotativa e, assim, atender a mais visitantes. Para isso, a ideia foi levar o rio até Manaus, abarcando a cidade e fazendo dela um tema cenográfico também. O

rio proposto não precisa esperar a volta de outro barco, agora, são canoas e o circuito é dinâmico, com estações de embarque e desembarque distintas.

Para o Rio Encantado em si, sua ampliação e novo percurso, a ideia foi a introdução de elementos cenográficos novos, como a casa Curupira onde inicia-se o percurso. Dentro dessa casa há uma enorme árvore e os visitantes são recebidos por Curupira, residente dessa árvore e quem orienta sobre a floresta e o percurso que irá começar. Ao desenrolar do percurso, temos uma aldeia indígena, depois temos o canto da lara, uma parte onde as margens do rio se abrem e os Botos recebem os visitantes e, logo após, temos o porto antigo, a Boiuna - cobra que engole as canoas e transporta os visitantes para a pequena Manaus - e, por fim, temos os povos ribeirinhos.

Esse é o percurso repensando para a área Mini-Amazônia que, nesse projeto, foi rebatizada para Amazônia Exuberante. Além do percurso do Rio Encantado, foco principal do projeto, também há um processo de cenografia para a estação final do teleférico que fica nessa área. Além disso, a entrada da Amazônia Exuberante recebeu um arco para completar a imersão dos visitantes e, assim, distinguir essa área das demais áreas da Cidade da Criança.

Localização da Cidade da Criança em São Bernardo do Campo



Cidade da Criança

Estúdio Vera Cruz

Paço Municipal

Fábrica de Cultura

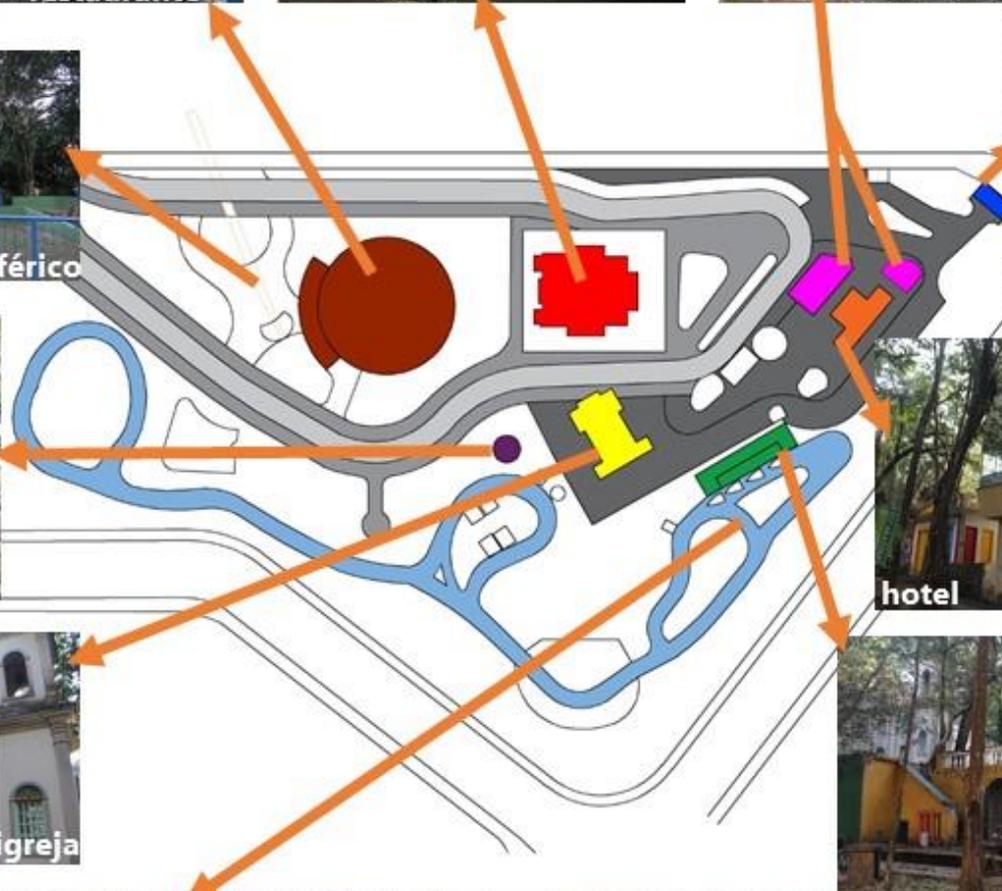


Cidade da Criança

Área
Mini-Amazônia

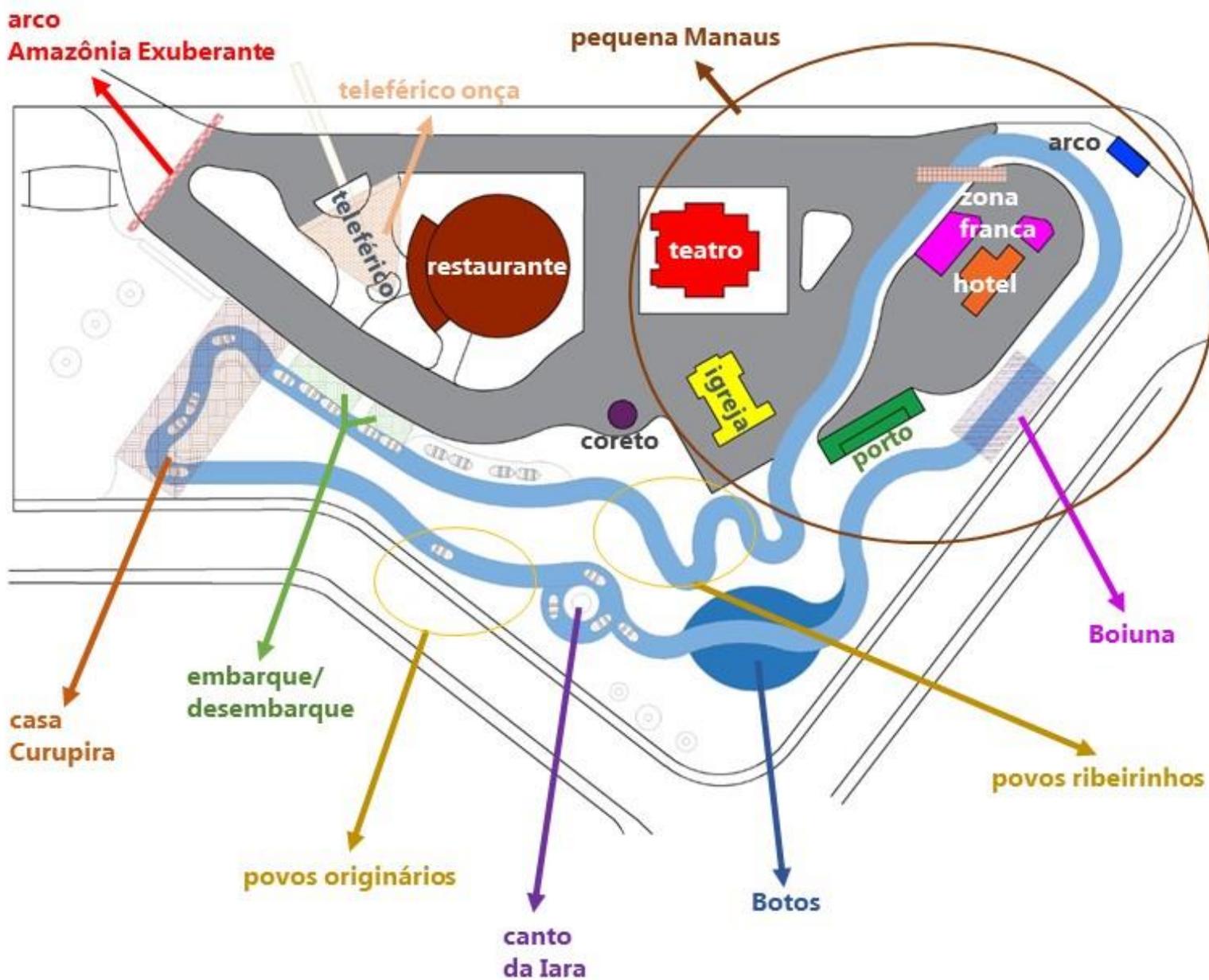
Área Mini-Amazônia - Atualmente





Panorama fotográfico

Amazônia Exuberante e Rio Encantado - Proposta



Amazônia Exuberante - Croqui





cadaroupa1conto

by Dayane Cabral

O “Cada Roupa 1 Conto” é um projeto de exposição que tem como proposta, compartilhar as memórias e estórias contidas nas roupas através de contos.

- - x - -

Atualmente a produção de roupas acontece em grande escala e de forma globalizada. O que era moda ontem, não é mais hoje e pouco se pensa sobre o valor simbólico e afetivo que as roupas guardam. O quanto elas guardam a história de quem as habitam ou habitaram. Uma vez ou outra, encontramos peças de roupas em museus e exposições, mas somente para ilustrar a vestimenta de uma época ou de uma celebridade homenageada. Ou seja, tem um caráter mais histórico.

Já o projeto “Cada Roupa 1 Conto” vê a possibilidade de trazer um caráter literário as peças de roupas, visto que a partir delas é possível imaginar seu dono; imaginar os lugares e situações por quais passaram; criar uma história; dar vida a um elemento tão próximo do nosso toque, forma e pele. E este é o objetivo da exposição: instigar a imaginação do visitante ao olhar a peça exposta e a quais estórias estas o remete, por vezes entregando o conto, e por outras convidando o espectador a criar sua própria versão.

Mas como entregar uma expografia de vestuário e de texto literário? Diferente das artes visuais, a roupa não foi criada para o fim de ser exposta em um museu ou galeria, assim como também não o foi, o texto literário.

Para tanto, a propositora deste projeto se propõe em estudar formas de o fazê-lo e trazer parte deste processo para estas páginas. Faz parte deste processo:

- a leitura de artigos sobre exposições de moda/vestuário e expografia de textos;
- imagens para referência de mobiliário/vitrinismo para exposição de roupas;
- escolha de uma peça de roupa e espaço para estudo prático;
- registro fotográfico ou videográfico do estudo prático.



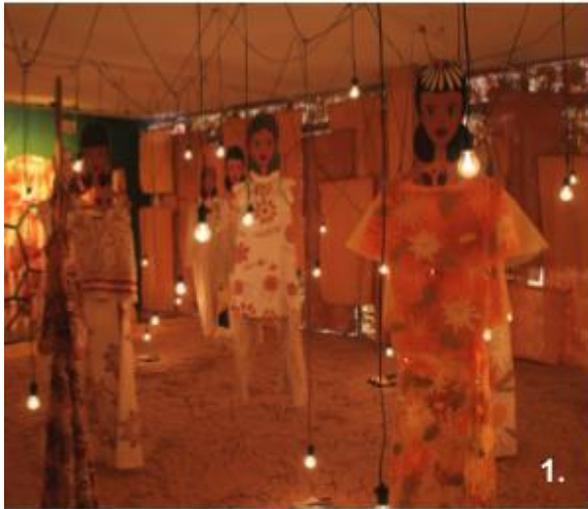
1.

No artigo “Os desafios da exposição do vestuário”, ao analisar duas exposições de trajes do século XVIII, Ana P. G. Kawajiri apresenta duas formas distintas de apresentar o vestuário de época. A primeira, tradicional, é a utilização de vitrines que “musealiza” e cria um isolamento visual, uma forma já clássica e que garante ao material exposto, maior apreciação aos detalhes. A segunda, é a utilização de “*periods rooms*”, dispositivos expográficos que reagrupam em uma mesma sala diversos elementos de decoração e objetos diversos que têm em comum o estilo da época que se quer representar. As *periods rooms* podem engajar a imaginação do visitante, permitindo estabelecer ligações entre as coleções e a realidade quotidiana.

No trabalho de Conclusão de Curso de Museologia, “Como os textos das exposições museais podem ser percebidos pelos visitantes?” a graduanda Ashley Sousa traz informações como:

- Porcentagem alta de leitura dos visitantes quando a informação está dividida em 03 textos de 50 palavras cada, mais que um texto de 150 palavras;
- A proporção de leituras completas dos textos pelos visitantes diminuiu quando o número de tópicos aumentou;
- Sobre a importância de fichas de leitura em museus com grande fluxo.





1.



2.



4.



5.



3.



6.

2.

1 e 3 -
Exposição Rio
São Francisco
por Ronaldo
Fraga / 2, 4, 5 e
6 imagens
pinterest

3.

As peças escolhidas para estudo prático são uma saia “riponga” e um tênis vermelho. O espaço destinado para o estudo prático será a área do meu “home-office” por possuir iluminação natural e ter um recuo que me permite trabalhar pequenas instalações.

A ideia é fazer a instalação no tamanho real. Alguns desafios para esta instalação:

- não posso pintar e nem desenhar as paredes, assim como furar a parede e teto com pregos e parafusos não é recomendado;
- não possuo manequim e não quero comprar um;
- *budget* quase zero

Dentre as opções de apresentação de vestuário apresentada no item 1, realizarei uma espécie de *period room*, trazendo uma cenografia que remete a ambientação do conto relacionado ao vestuário escolhido. Este estudo e seu resultado será registrado através de fotos e vídeos e apresentado ao final deste curso.

Saia Hippie
Características:
mídi,
estampada com
bolso interno
Cor: sortida
Tamanho: 40
Marca: Libra
Design
Composição:
Não consta
Made in : Não
consta



Curta. **CADEIRA PROIBIDA**

Por Hilda Morelli

Pesquisa desenvolvida ao longo do primeiro semestre de 2021, junto ao curso livre de cenografia da fundação das artes, em meio a terceira onda pandêmica de COVID19 e a chegada do meu caçula.

Assim fui estimulada pelas docentes e cenógrafas Livia e Paula a pensar possibilidades cenográficas múltiplas e as potencialidades do pensamento sobre espaços e instalações cênicas e ainda refletir com o fomento do coletivo *Parir não é Parar*, saídas para continuar produzindo arte nesse contexto.

Parir em meio a situação atual já é em si, um ato de resistência. Uni esse ato à parceria com o diretor e ator André Castelani da companhia teatral *DeDentroDePerto*, que me propôs um estudo cenográfico dos subversivos textos de Ignácio de Loyola Brandão.

Para essa experimentação artística escolhi o texto “*Os homens que descobriam cadeiras proibidas*”, conto que faz parte do livro *Cadeiras Proibidas* e que traz contos originalmente publicados na década de 1970, intitulados “crônicas” nos jornais Última Hora e Pasquim. A obra se enquadra no gênero literário realismo fantástico moderno, que se apurou no período ditatorial pela capacidade de expressão mesmo com a censura em voga.

Optei, por conta da nossa situação já exposta, por fazer um curta, onde as gravações pudessem ser feitas sem grandes deslocamentos. Inspirada nas performances externas e urbanas trazidas em aula, ambientei a tal cadeira proibida em um cenário externo, bucólico mas ainda sim urbano.

A cadeira foi recolhida por mim em uma madrugada qualquer, em um bairro nobre da cidade de Santo André. Por estar sem assento, ganhou cintos e cintas entrelaçadas de forma a promover essa função, sem apagar sua história de descarte. Já as gravações foram feitas da caixa de correspondências da minha casa, logo os transeuntes não viam a câmera, dando uma maior liberdade de interação das pessoas com o objeto. Objeto privado e proibido na narrativa, em um ambiente público e livre. Viva a contradição!

“A proibição de usar cadeiras existe. As cadeiras é que não podem existir.

O sim é para nós, o não para vocês. Somos o positivo, o povo, o negativo.”

Referência Bibliográfica: *Os homens que descobriam cadeiras proibidas*, p11 - **Cadeiras Proibidas**. Brandão, Ignácio de Loyola- 9 ed. 10 ed.- São Paulo:Global,2003

por Hilda Morelli

.mulher. mãe. artista.

Pensando, experimentando e pesquisando arte é rebeldia. Sorrir, Parir, em meio a situação atual então é em si, um ato de resistência. Terceira onda pandêmica de COVID e todas as limitações que ela nos impõe, e unido as condicionantes postas, o texto de Ignácio de Loyola Brandão mesmo escrito nos idos dos anos 70 é atual, e nos conduz na experimentação do curta.

É neste contexto que nasce o curta "*cadeira proibida*", na ideia de pensar possibilidades cenográficas múltiplas e as potencialidades do pensamento sobre espaços e instalações cênicas baseadas no texto "*Os homens que descobriam cadeiras proibidas*".



a cadeira



a resistência

"Os homens não bateram, porque há muito naquela cidade, ou país, a polícia não precisava bater para entrar."

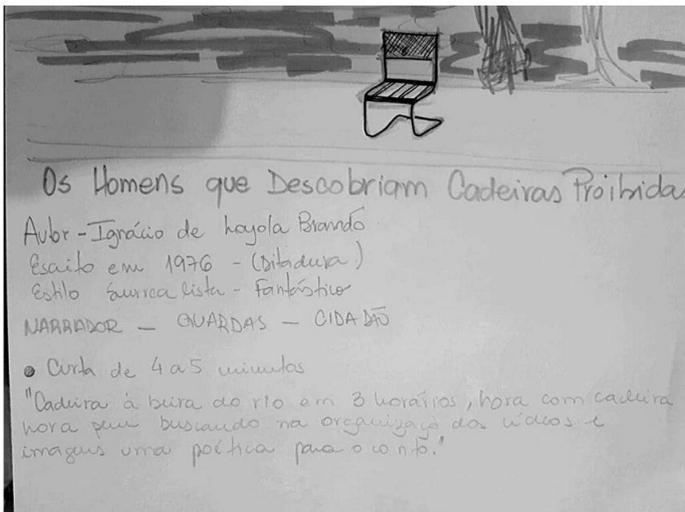
Trecho do conto
Os homens que descobriam cadeiras proibidas,
Brandão, Ignácio de Loyola.



A prima idéia.

Uma cadeira com assento improvisado ou sem assento, à margem de um rio urbano, com apenas uma inscrição: PROIBIDA.

Imagens gravadas em um só dia, manhã, tarde e noite com câmera estática, sugerindo espionagem.



Os Homens que Descobriam Cadeiras Proibidas

Aubr - Igrácio de Kayola Brandó

Escrito em 1976 - (Cidade)

Estilo Surrealista - Fantástico

NARRADOR - GUARDAS - CIDADÃO

• Curta de 4 a 5 minutos

"Cadeira à beira do rio em 3 horários, hora com cadeira hora sem buscando na organização dos vídeos e imagens uma poética para o conto."

Fotografias e vídeos organizados hora com, hora sem cadeira, com e sem filtro, buscando uma poética para o conto narrado, com três vozes distintas: narrador, guarda e cidadão.

mostra caleidoscópios cenográficos

CURTA.CADEIRA PROIBIDA

por Hilda Morelli



teste de tomada

mostra caleidoscópios cenográficos

CURTA.CADEIRA PROIBIDA

por Hilda Morelli



interações com transeuntes

Instalação

Isabella Somenzari Di Stasi

Quando a proposta de fazer um trabalho livre foi falada, foram mais de três semanas para entender que caminho eu iria tomar, pois como nunca na vida teria a chance de escolher absolutamente qualquer coisa para criar. Após algumas ideias encontrei um tema onde misturo um pouco da minha história com meu grande ídolo.

No momento que decidi falar sobre David Bowie não queria fazer algo biográfico, e fui criando alternativas, até que decidi assistir um filme no qual ele atuou e ajudou em serviços gerais, que se chama “The Man Who Fell to Earth”(1977), onde um humanoíde cai na terra e precisa fingir ser um empresário do ramo de tecnologia para levar água a seu planeta natal e salvá-lo. A obra em si é bem, digamos, ele. Mas quando percebi essa analogia de se sentir um alienígena no meio de humanos onde para sempre existirá essa busca ao se encaixar nos padrões, me identifiquei como nunca com Bowie.

E este é o partido do projeto. Uma instalação com propósito de questionar o autoconhecimento e em qual momento nos distanciamos de nossa essência. Mas cada um dos quatro cantos tem sua referência e seu conceito baseado em roupas usadas pelo cantor na sua fase do início dos anos setenta, onde ele personificava sua criação chamada de “Ziggy Stardust”.

Todos pensados na união de uma música e o look no qual ele usava para performance.

Então iniciamos uma viagem na área do “Life on Mars”, no qual o viajante irá passar por um caminho cheio de obstáculos geométricos assim como a sociedade mas também no terno usado no clipe desta música. A seguinte área “Space Oddity” é com influências do filme “2001 - Odisseia no Espaço” e homem pisando na lua pela primeira vez com famosa contagem regressiva da música, onde um astronauta está decidido a conhecer um novo local. Na parede que simboliza a terceira passagem temos um neon de uma mão com olhos fazendo analogia a roupa em que Bowie usa em “The 1980 floor”, ao cantar “The Jean Genie”. Nesta parte temos diversas referências, e a proposta é que se seja de fato chamativo e muitos fiquem observando e tentando entender. Assim como desejamos quando nos encontramos na nossa melhor fase do descobrimento. Já no último túnel, temos uma criação de arcos feitos baseados na roupa desenhada por Kansai Yamamoto, que é uma das mais lembradas pela sociedade, onde Bowie marcou o

mundo com uma personalidade única e foi abraçado por diversos fãs que se sentiram identificados ao conhecer um ser tão estranho quanto eles.

Do início ao fim convido ao “viajante” que ele se questione e se sinta confortável ao se imaginar como um “estranho”.

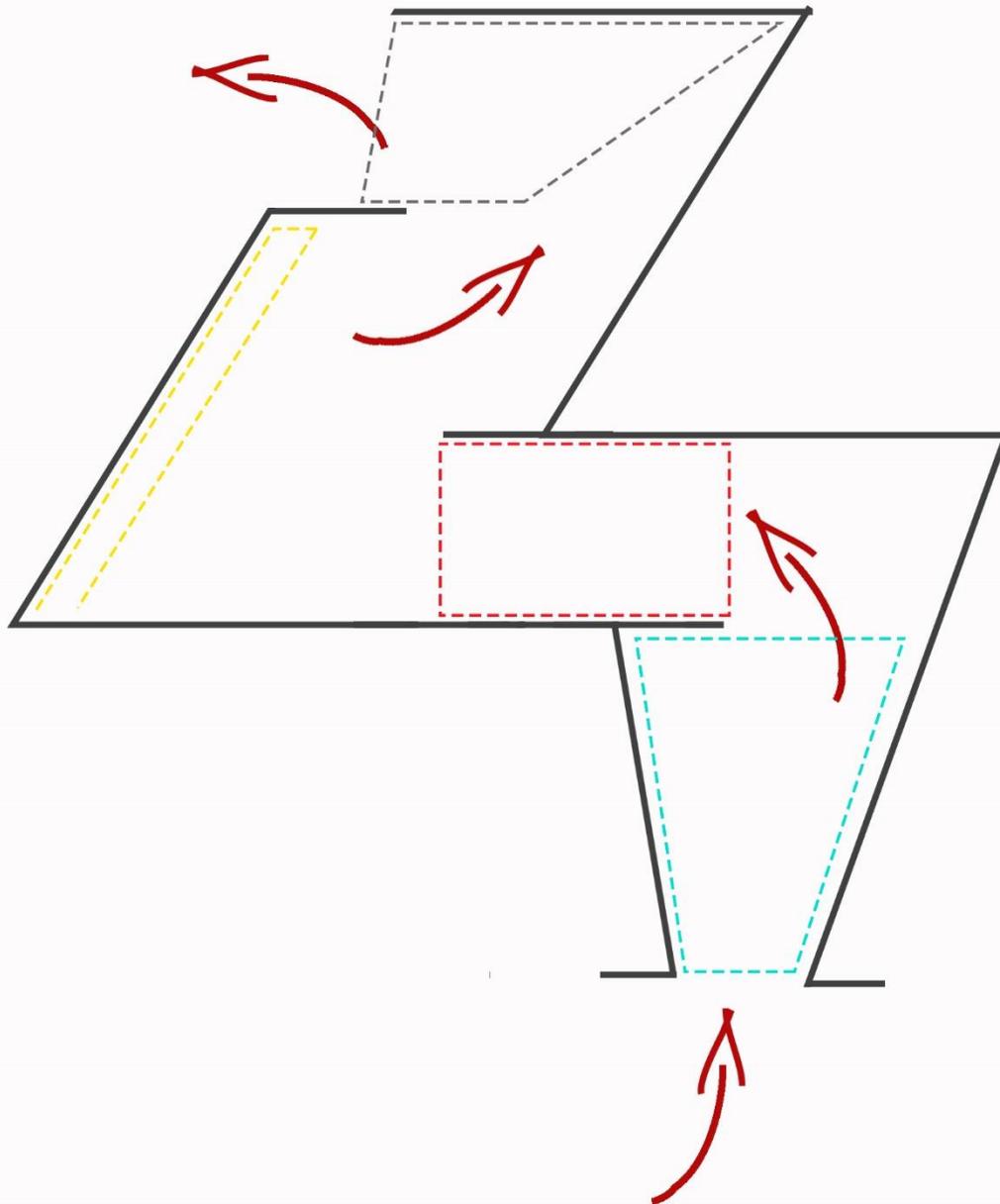
E do mais, tenha sua interpretação individual da obra, assim como na sua visão de vida.

Além das diversas referências, pensei também em algo que seja chamativo a seu entorno e que não foque somente em um único grupo para a visita, que seja divertido a uma criança e acessível aos idosos. Que se torne um ponto não só de reflexão mas também de poses para fotos e hashtags. E pensando no contexto atual da pandemia, que seja algo aberto, com espaço para distanciamento e sem necessidade de toque, apenas uma passagem.

Uma última observação é sobre a vista superior da instalação, que tentei brincar não somente com o símbolo de raio, mais de um de seus marcos, mas também como as iniciais de “Ziggy Stardust”, “z” e “s”.



ESTUDO DA PLANTA



- Área
Starman

- Área
The Jean
Genie

- Área
Space
Oddity

- Área
Life
On Mars

1



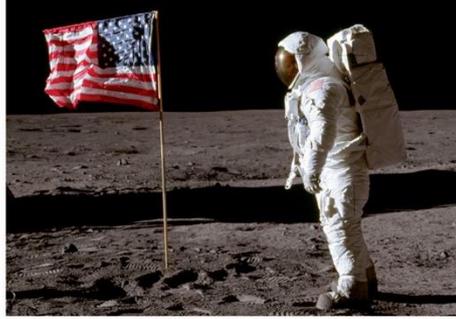
"Bowie starts to become Bowie"

Mas o filme é entediante

Pois eu já o escrevi dez vezes ou mais

LIFE ON MARS

2



SPACE ODDITY

3



David Bowie - The Jean Genie (Official Video)

O Jean Genie, vive em suas costas

O Jean Genie, ama chaminés

Ele é ultrajante, ele grita e ele berra

Jean Genie, deixe ir!

THE JEAN GENIE

4



Há um homem das estrelas esperando no céu

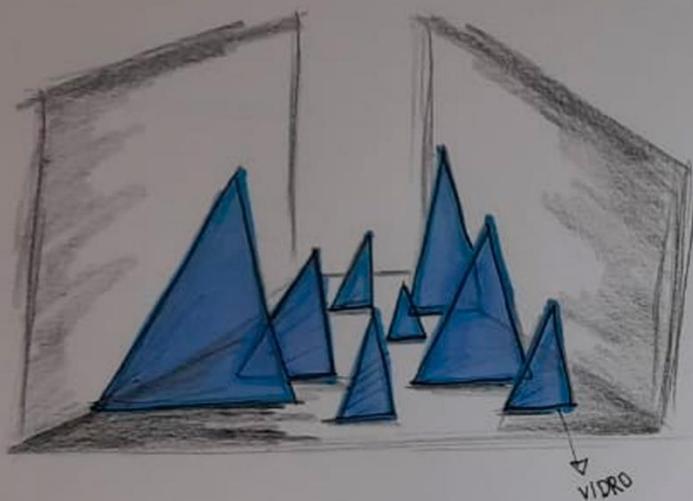
Ele gostaria de vir e nos conhecer

Mas ele acha que nos assustaria

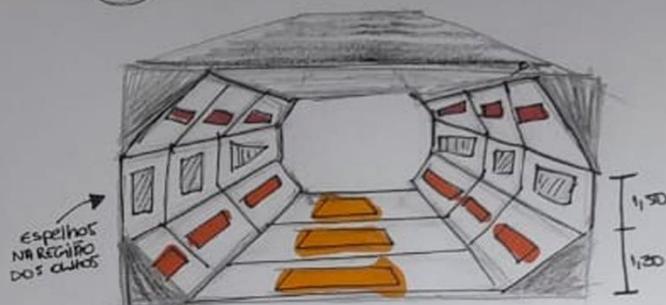
STARMAN

CROQUI DE ESTUDO DOS AMBIENTES

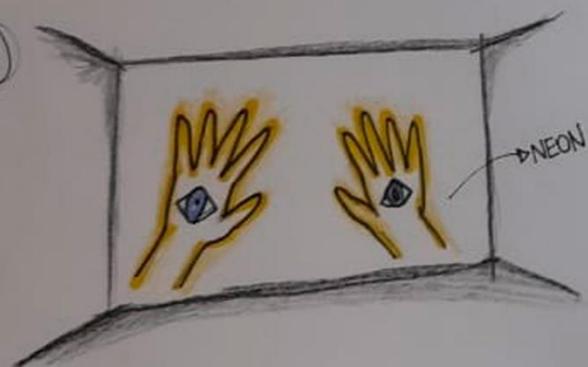
1



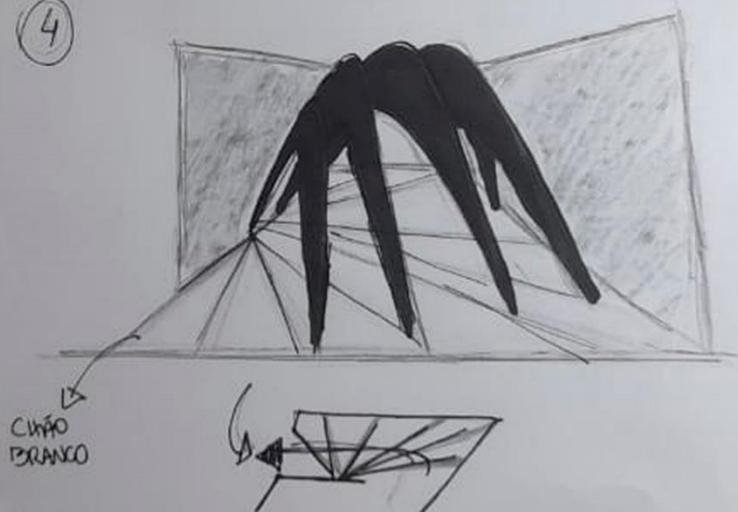
2



3



4



↳ LOCAL PARA O INSTA!



Memória Afetiva para um restaurante

Isabelli Mouro

Nós crescemos e vivemos com um repertório sinestésico repleto de memórias com sabores, cheiros e temperos. Ao crescermos, esses nos remetem automaticamente a algumas lembranças do passado, de lugares ou pessoas. Porém infelizmente, com o ritmo frenético da vida adulta, perdemos princípios essenciais para saúde mental e emocional.

Como a arquitetura, a gastronomia mexe com sentidos e com o emocional das pessoas. Em ambos, precisamos interpretar e saber como



elementos
de memória



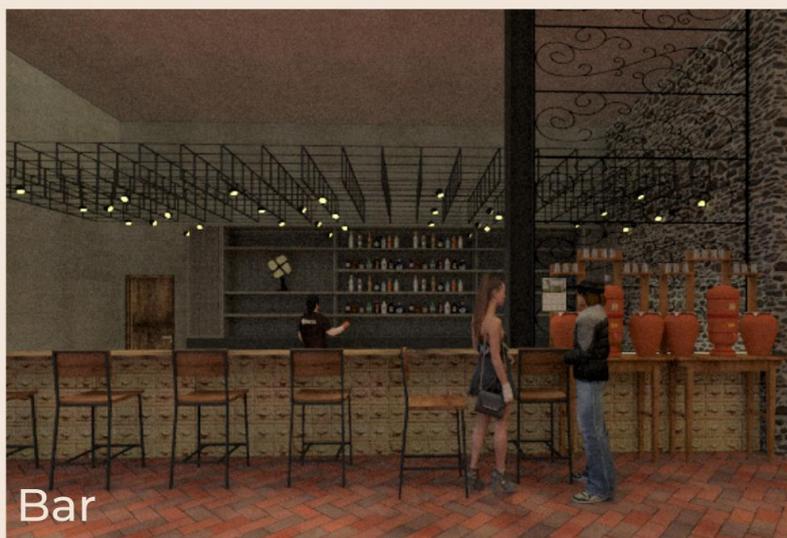
Recepção



Sala espera



Entretenimento - foto



Bar



Salão de mesas



Varanda

Cenário

Renato Bego

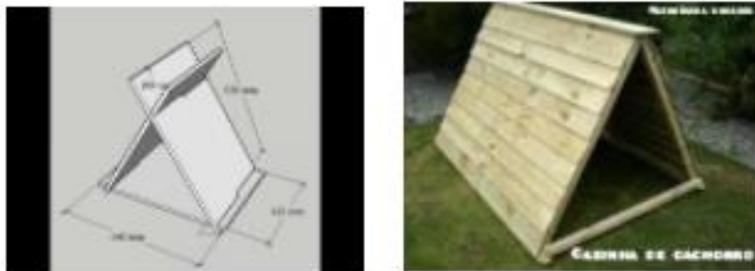
Para a concepção da cenografia, a pesquisa partiu da noção proposta por Eugenio Barba, de que “o corpo-dilatado faz com que o espaço seja o prolongamento do corpo do ator e de duas emoções.” Nesse sentido, pensei em um cenário/objeto para que o ator trabalhe a ressignificação do cenário/objeto trazendo sempre uma imagem nova para o público. (Utilizando o método em neolinguística para fazer com que pessoas possam atribuir um novo significado a acontecimentos através da mudança de sua visão de mundo, ou como na psicologia, transferir o afeto). Para fins desta pesquisa, citamos o exemplo de uma das cenas: com a casa do cachorro construída com duas tábuas apoiadas em um suporte para bicicletas ou duas gangorras que inclinadas formam uma casinha. Na cena seguinte, isso se transforma em um carrinho de rolimã. Como se pode visualizar, partimos do pressuposto de que o ator tem habilidade para preencher o palco com o seu corpo e sua potência, com as ilusões da mímica, construindo superfícies e objetos imaginários em cumplicidade com o público

Construção/ Materiais

Uma árvore toda feita de retalhos de madeiras.

Duas gangorras feitas de ferro e madeira que serão utilizadas como brinquedos, casinha de cachorro, mesa, rampa etc..

Um tablado de madeira com um revestimento de borracha.



(ideia de casinha de cachorro feita em madeira)









Cenografia Inclusiva

João Francisco

Tema: Cenografia inclusiva destinada para o público autista

Justificativa: A cenografia geralmente tem uma linguagem mais visual. Como explorar outras linguagens e incorporar pessoas com necessidades especiais (autismo)?

Pergunta Problema: Como a cenografia poderia trabalhar os estímulos sensoriais das pessoas com necessidades especiais tais como autistas?

Objetivo: Criar uma instalação móvel (desmontável) interativa direcionada ao público autista para trabalhar os estímulos sensoriais.

Descrição do projeto

Um cenário voltado para a interação com autistas, precisa ter cores claras, neste projeto penso em fazer em tons pastéis, variando as cores.

Acompanhando o cenário, há de se pensar na questão do som. É possível usar músicas instrumentais, como as do gênero clássico, em volume baixo para não prender a atenção.

Crianças com autismo gostam de explorar espaços e, havendo algum desafio, ela pode solicitar ajuda desenvolvendo a comunicação verbal. Pretendo colocar em meu projeto um espaço com alguns brinquedos de vários tipos, alguns com tampas para serem explorados, brinquedos montáveis, entre outros.

Para estimular o tato, imaginei colocar um túnel onde teria vários tipos de materiais, como por exemplo, tecidos de texturas diferentes.

Todos os objetos de interação serão em formato arredondado, sem quinas ou formatos que possam trazer algum risco.

Autistas gostam de organização e previsibilidade. Portanto, usarei uma disposição limpa, geométrica, arrumada.

As crianças serão convidadas a tirar os sapatos ao entrar, pois o chão terá texturas.

Alguns desafios, ou jogos de adivinhação podem ser estimulantes. Esses espelhos contribuem para o aprendizado da criança na sua consciência corporal e nos movimentos. Haverá uma cortina sobre os espelhos e estímulos de adivinhação.

Pensei em fazer um ambiente que possa ser utilizado para que eles explorem os seus sentidos, mas também utilizado para peças de teatro, para estimular a imaginação e a interação deles.

Cores

Depois de pesquisas sobre para quem seria voltado o meu cenário interativo, decidi fazê-lo voltado para pessoas com autismo, com isso aprendi que cores mais claras e calmas são melhores para serem utilizadas com esse público, pois não prendem tanto a atenção das crianças que estiverem lá dentro.

Essas são algumas cores que pensei em colocar:



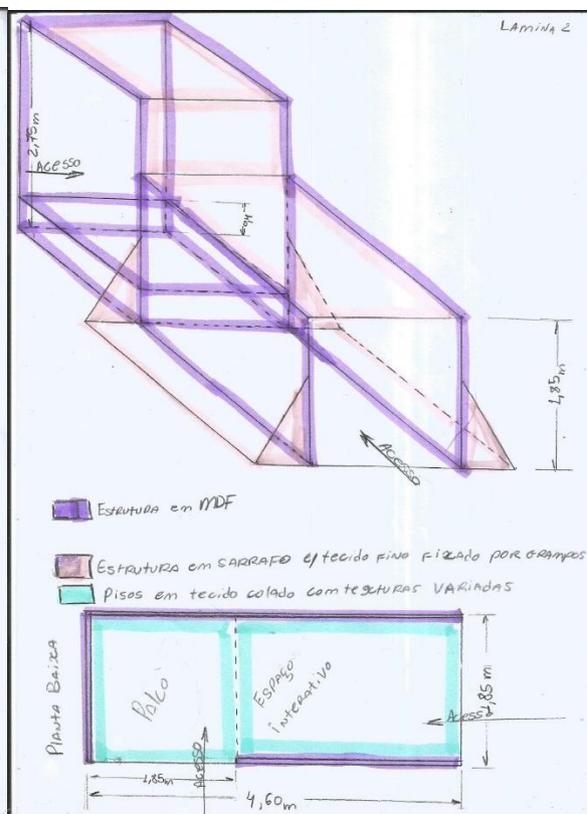
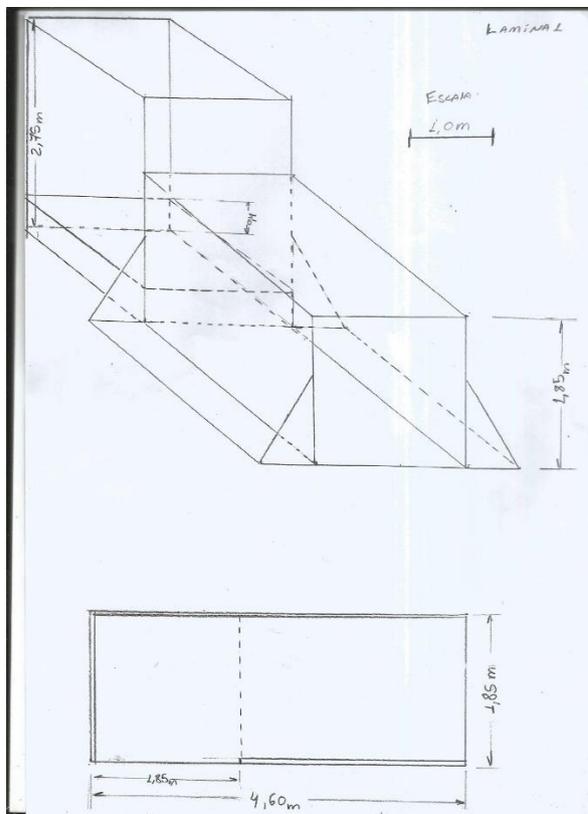
Materiais

- 4 chapas de MDF (9mm) 1,85x2,75
- Sarrafos
- Tecidos variáveis: Algodão, veludo, felpudo alto, felpudo médio, felpudo baixo, jeans, couro sintético e tecido juto.
- Lâmpada LED Tubular
- Fita LED dimerizável
- Caixas de som

Mobiliário

- Puffs

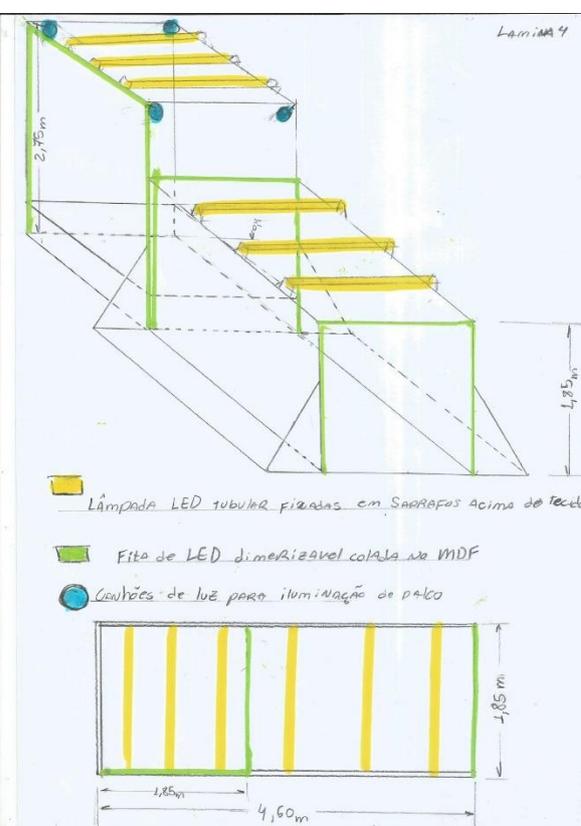
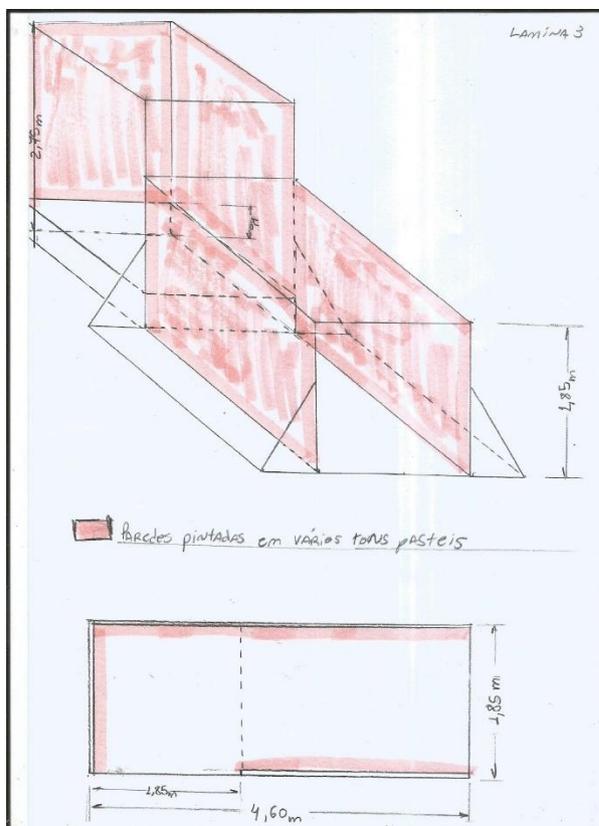
- Mesa com borda arredondada
- Bancos
- Tapetes
- Almofadas
- Prateleira
- Caixote para os brinquedos

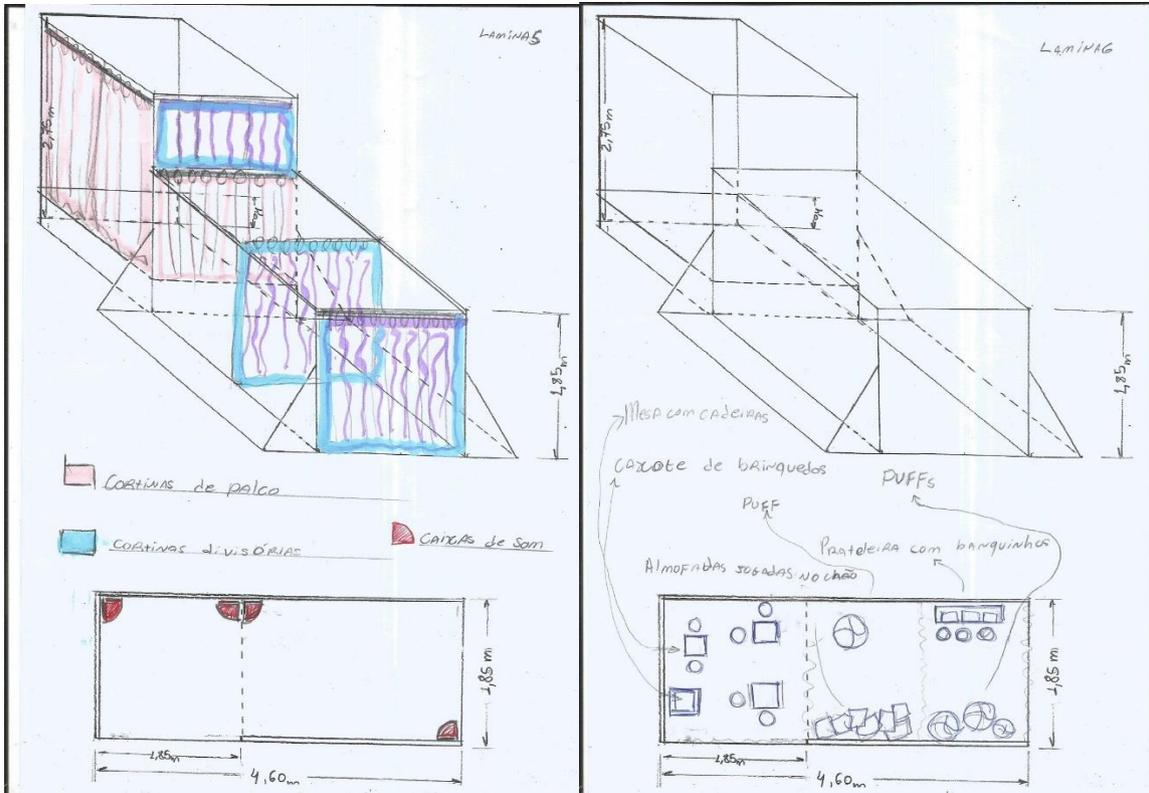


■ Estrutura em MDF

■ Estrutura em sarrafo e tecido fino fixado por grampos

■ Pisos em tecido colado com texturas VARIADAS





As possibilidades da cenografia, em espaços e usos, não convencionais

Rogério Pereira

O trabalho consiste em fomentar as possibilidades da cenografia, em espaços não convencionais.

“Todo ambiente arquitetural é suscetível de expor, limitada estilisticamente; entre humanos; e neste aspecto se tem uma teatralidade real a equiparar-se com a rampa dos divertimentos e competir com o tablado das encenações.” (COUTINHO, 1998, p179)

Propor formas com preocupação sociais e econômica nesses tempos de agonia, oportunidades para as mais distintas pessoas, fazendo com que interajam, levando todos a sonhar e a refletir sobre sua condição de sujeito na sociedade pela qual a cenografia pode se colocar como um elemento agregador, com o objetivo de buscar a interação com o observador em diferentes ambientes.

“Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” (LYNCH, 1997, p.01)

Teatralizando a cidade e aproximando as pessoas do seu cotidiano inserindo o espaço cênico no espaço urbano e espaços não convencionais. Colocar a cenografia em contato direto com o público fazendo com que receba e se sinta parte na interferência apropriando-se do espaço.

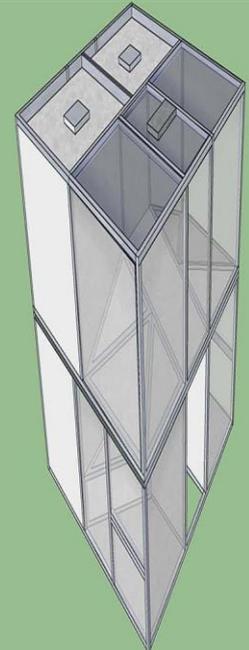
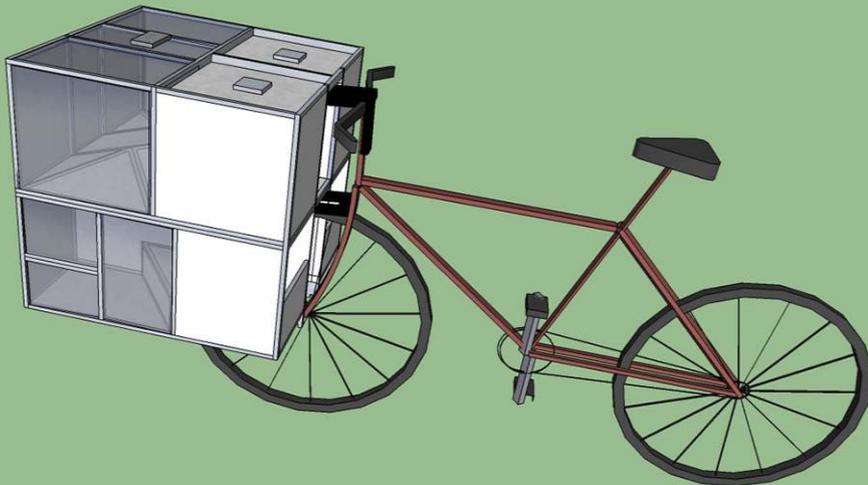
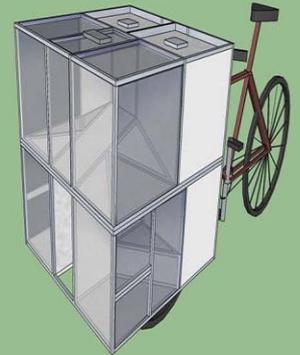
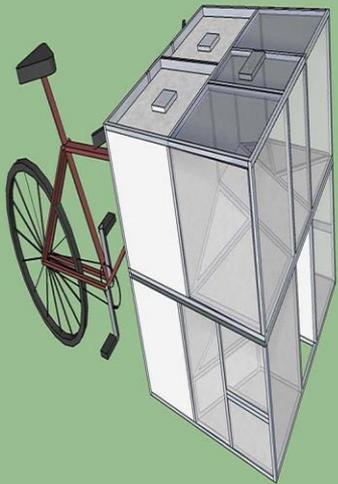
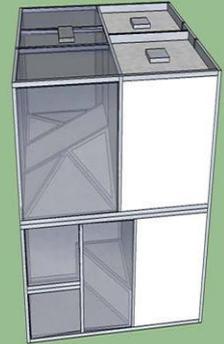
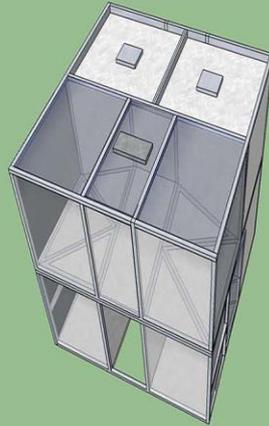
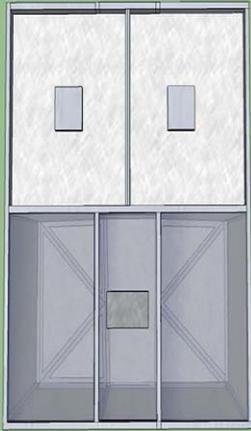
O que não se pode perder é a autenticidade cênica que independente de lugar. “No trabalho de apropriação do espaço- e levando em consideração a sua arquitetura, a sua atmosfera e as pessoas que o circundam- conseguimos projetar novas oportunidades para as personagens, Interferências do campo tátil, olfativo e própria geografia do espaço colaboram para ampliação do discurso.” (Rebouças,2009,p.58).

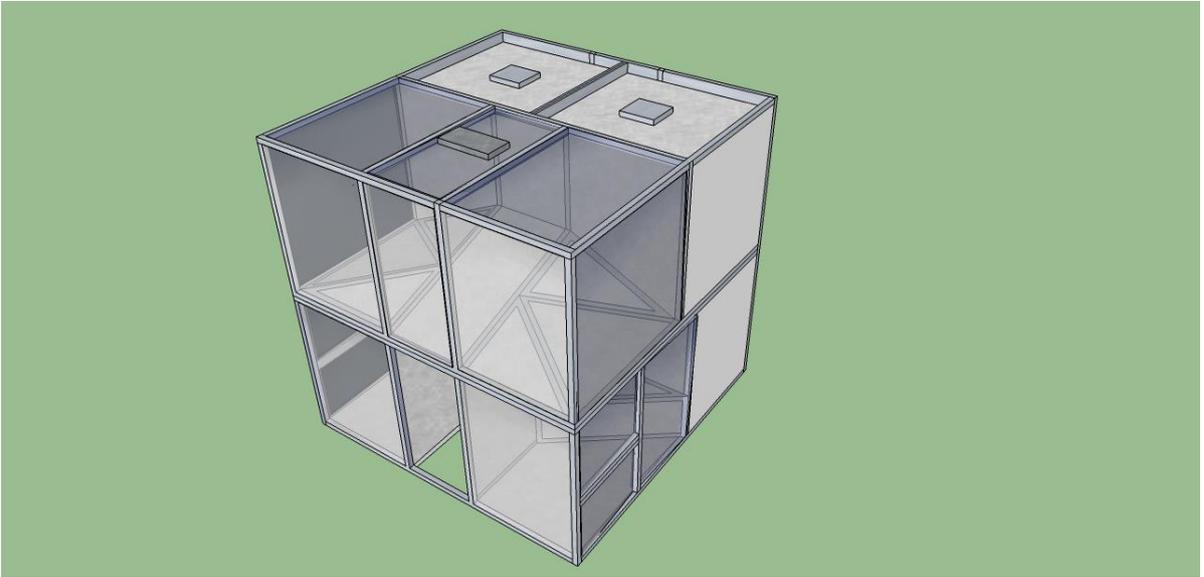
As motivações para possibilidades da cenografia em lugares não convencionais são as mais variadas, o público heterogêneo das mais diversas faixas etárias, classes sociais e mentalidade, é um dos fatores interessantes. Mas também a atual crise, evidenciou não só a perversidade das desigualdades sociais como a falta de estrutura das nossas cidades, especialmente nos territórios periféricos e áreas de baixa renda, deixando milhares de pessoas desempregadas, à revelia.

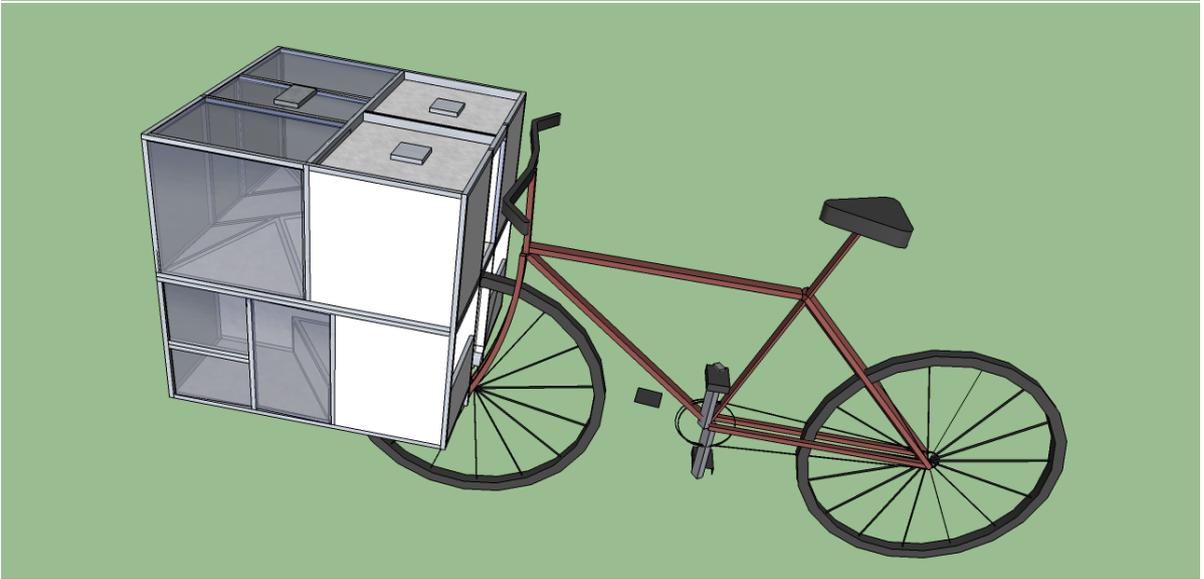
Neste contexto de adaptação e transformação trazido pela COVID 19, a proposta da pesquisa pode ser uma ferramenta estratégica na construção de um pós-pandemia mais sustentável e democrático.

Agregando valor a outras artes da rua.

GENOGRÁFICA SUAS POSSIBILIDADES NO ESPAÇO - PÓS PANDEMIA







PLUFT O FANTASMINHA

Rita de Cássia Versolato de Abreu

Este trabalho consiste em fazer o estudo de uma cena, de uma peça ou filme; transformando em cenário, em três épocas diferentes do teatro:-

Foram escolhidos:- o teatro grego, o teatro italiano (início da caixa cênica, onde a iluminação era feita à luz de velas) e o teatro moderno (com o surgimento da eletricidade, os espaços cênicos, foram melhor iluminados; dando assim á infinitas possibilidades de uso deste espaço, e a tecnologia se torna integrante da composição do cenário, dando início ao teatro moderno).

O tema escolhido foi um trecho tirado do texto; PLUFT O FANTASMINHA, de Maria Clara Machado. A cena a ser utilizada é quando o exército de fantasmas é convocado pelo fantasma do tio Gerúndio, em honra ao falecido capitão Bonança, que aparecem assustando o pirata Perna de Pau.

As cenas apresentadas têm o uso dos equipamentos referentes às suas épocas.

Teatro Grego – foram utilizados:- Ekkyklema – carrinho de palco, para o palco e orquestra; - bonecos/espantalhos- vestidos com mortalha branca e equipamentos de guerra (lanças, elmos, escudos e etc.); -periakti –prismas giratórios; - carroças puxadas por cavalos para transportes dos bonecos/espantalhos e atores; - catapulta – puxadas por cavalos com um ator montado; - atores/figurantes vestidos como os bonecos/espantalhos e na orquestra (coro) todos vestidos com a túnica branca e alguns utilizando elmo, escudo e arma de guerra; - atores para cena (palco).

Teatro Italiano – foram utilizados: -“Bonecos” vestidos de chapéu e túnica; painel; e atores vestidos de roupa branca e armadura de soldado com chapéu de capitão e “lança”; cenário e alçapão.

Teatro moderno – foram utilizados:- para o cenário- baú, barril, caixote de madeira e painel; para os atores, holograma e roupas colam com LED e jogos de luzes.

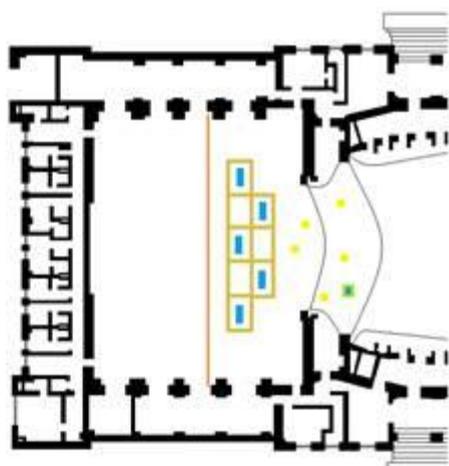
Rita de Cássia Versolato de Abreu arquiteta de formação, trabalho já alguns anos na área cinematográfica, como diretora e assistente de arte e como cenógrafa, alguns eu

assino com meu nome artístico de Rita Versabre. Segue algumas referências de trabalho no cinema: Mc Don't (2015), Amado Grato (2015), Tripofobia (2016) e mais recente Fantasma Magnético, onde assino a direção de cenografia.

Pluft – O fantasmilha – cena do exército fantasma



Teatro Italiano

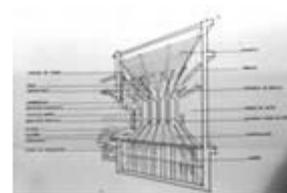


Legenda

- Palme
- Cenário em camadas
- Bonecos Fantasma
- Aliança/Fantasma
- Abacos/Fantasma



Figurinos e referências



Estéticas Diferentes na Cenografia de Peças infantis

Verena Gonçalves

Meu nome é Verena Gonçalves, sou professora da Rede parceira da Educação Infantil e para esse Projeto Individual escolhi estudar como temática algumas estéticas diferenciadas na cenografia das peças infantis.

As problemáticas na cenografia e mais especificamente das peças teatrais infantis já são conhecidas, tais como a falta de amparo oficial, falta de verba e menores quantidades de peças originais sendo recorrentes as adaptações. Além dos problemas temos como histórico um teatro infantil voltado para as funções pedagógicas, com intuito catequizante e moralizante.

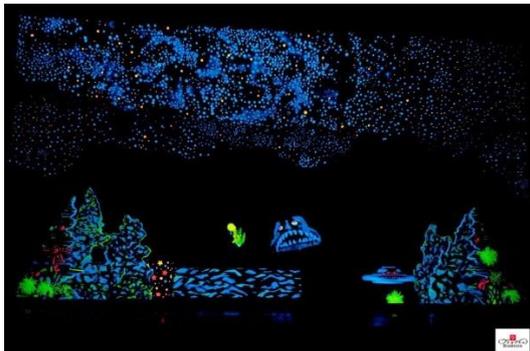
As concepções de criança e infância mudaram drasticamente com o passar dos anos e evoluíram juntamente com as companhias e grupos que se direcionam á essas faixas etárias.

Com o intuito de evidenciar projetos cenográficos interessantes e esteticamente diferenciados, selecionei em minha pesquisa alguns grupos/companhias que desenvolvem trabalhos de alta qualidade na área. Aqui poderemos observar alguns desses trabalhos.

CIA IMAGO

<http://ciaimago.blogspot.com>

Espetáculo Carnaval dos Animais Espetáculo Sol, Lá, Cidade



Espetáculo Pedro e o Lobo

Espetáculo João e Maria



Grupo Sobrevento

http://www.sobrevento.com.br/fotos_ami.htm

Espectáculo Meu Jardim



Espectáculo A Cortina da Tia Bá



Espectáculo O amigo Fiel







Mostra FIC de Processos e Experimentos

Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO 2021

INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA OS CURSOS DE
ARTES VISUAIS, DANÇA,
MÚSICA E TEATRO

TURMAS 2021, 2º semestre
Até 26 de junho
www.fascs.com.br/inscricoes

Prefeitura de São Caetano do Sul Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Diretora Geral: Ana Paula Demambro

Conselho de Curadores – Presidente:

João Manoel da Costa Neto

Diretora Pedagógica: Suzete Moreno

Pronatec

Equipe acadêmico-administrativa

Coordenador Geral: Reinaldo Monteiro

Coordenador Adjunto: Sérgio de Azevedo

Supervisão Administrativa: Adriano Faria

Supervisão Pedagógica: José Adriano
Albuquerque e Robson Ferraz.

Apoio acadêmico-administrativo: Carolina Lionel,
Daniele Máximo, Elô Gelfuso, Gustavo Cano e
Marcelli Massei

Equipe docente

Agente cultural/Produção cultural

(Assistente de produção cultural): Alberto Magno,
Carlos Doles, George Vilches e Maria Emília Gomes
Cenografia (Auxiliar de Cenotecnia): Livia Loureiro
e Paula Venâncio

Dramaturgia (Assistente de Dramaturgia): Diego Cardoso,
Diogo Noventa e Ligia Souza Oliveira

Figurino (Figurinista): Fatima Lima, Valéria Feldman

Jogos, lazer e entretenimento (Recreador Cultural): Flávia
Bertinelli, George Vilches e Rita Cavassana

Maquiagem (Maquiador): George Vilches e Vitor Flausino
Práticas de Dança (Assistente de coreografia): Maria Emília
Gomes, Rita Cavassana e Julia Mauro

Acesso

Todas as atividades são gratuitas.

As atividades serão realizadas de forma remota, por meio
de recursos telemáticos e audiovisuais. Acesse o site e as
redes sociais para acompanhar a programação.

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC



Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO2021

Informações
(11) 4239-2020
www.fascs.com.br
facebook.com/fascs
youtube.com/ficfascs



50



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

